

## **Colagem rima com aprendizagem: proposta de uma oficina para pensar o aprender**

**Collage rhymes with learning: proposal for a workshop to think about learning**

**Collage rima con aprendizaje: propuesta de un taller para pensar en aprender**

Gabriella Pizzolante da Silva<sup>1</sup>

Carolina Rodrigues de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse trabalho apresenta uma experiência de oficina de colagem com estudantes de pós-graduação em Educação, na linha de Educação em Ciências e Matemática. Tendo como inspiração o conceito de aprender para Deleuze, os estudantes compuseram uma colagem a partir de seus encontros imprevisíveis com diversos materiais. Ensaiamos que a colagem pode rimar com aprendizagem, já que ambas acontecem por meio de um pensamento criador. Para colar o ainda não colado, buscamos ousar e apostar na colagem como um possível impulso para o pensamento e para a aprendizagem, como fomentadora de processos criativos. Para Deleuze, o pensamento emerge de encontros e só ocorre, de fato, quando algo nos força a pensar. Foi a experiência com a colagem uma força possível que movimentou novas paisagens sobre o aprender?

**Palavras-chave:** Colagem; Aprender; Deleuze.

**Abstract:** This work presents a collage workshop experience with postgraduate students in Education. Taking Deleuze's concept of learning as inspiration, the students composed a collage based on their unpredictable encounters with different materials. We rehearse that collage can rhyme with learning, since both happen through creative thinking. To glue what has not yet been glued, we seek to be bold and invest in collage as a possible impulse for thinking and learning, as a promoter of creative processes. For Deleuze, thought emerges from encounters and only occurs, in fact, when something forces us to think. Was the experience with collage a possible force that moved new landscapes about learning?

**Keywords:** Collage; Learn; Deleuze.

**Resumen:** Este trabajo presenta una experiencia de taller de collage con estudiantes de posgrado en Educación. Tomando como inspiración el concepto de aprendizaje de Deleuze, los estudiantes compusieron un collage basado en sus encuentros impredecibles con diferentes materiales. Ensayamos que collage puede rimar con aprendizaje, ya que ambos suceden a través del pensamiento creativo. Para pegar lo que aún no está pegado, buscamos ser audaces e invertir en el collage como posible impulso para pensar y aprender, como promotor de procesos creativos. Para Deleuze, el pensamiento surge de los encuentros y sólo ocurre, de hecho, cuando algo nos obliga a pensar. ¿Fue la experiencia con el collage una posible fuerza que movió nuevos paisajes sobre el aprendizaje?

**Palabras claves:** Collage; Aprender; Deleuze.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos

## Introdução

*Ao intervir no vivido, ou fazer dançar as palavras, uma oficina se compõe enquanto maquinção do ser em seu anseio por um mundo em criação.*  
(Vilene Moehlecke, p. 167)<sup>3</sup>

Esse trabalho apresenta uma experiência de oficina de colagem com estudantes de pós-graduação em Educação, na linha de Educação em Ciências e Matemática de uma universidade federal do interior do Estado de São Paulo. É fruto dos movimentos e desdobramentos de uma pesquisa de doutorado em andamento nessa mesma linha, que busca problematizar a colagem como pensamento, e não somente como técnica artística. Nesse percurso, algumas experiências com oficinas foram e estão sendo realizadas, envolvendo principalmente a potência da colagem em diálogo com temas contemporâneos e os desafios da educação.

O exercício da referida pesquisa é compreender a colagem como um campo criativo que, dentre outras possibilidades, permite desafiar as representações tradicionais que tendem a fixar os significados das coisas, reduzindo a multiplicidade à unidade. A colagem, ao brincar com elementos que muitas vezes não possuem uma relação aparente, força o pensamento a inventar novas conexões, criando assim um campo de intensidades, em que os signos (imagens, palavras, texturas, materiais diversos) escapam de sua função representativa para se tornarem afetos e forças.

Na oficina aqui relatada o diálogo foi entre a colagem e a educação em ciências. Tendo como inspiração o conceito de aprender para Deleuze, cada estudante participante da oficina compôs uma colagem analógica<sup>4</sup> a partir de seus encontros imprevisíveis com diversos materiais<sup>5</sup>. “É que a aprendizagem começa quando não reconhecemos, mas, ao contrário, estranhamos, problematizamos” (Kastrup, 2001, p. 18). Com essa experiência de oficina, ensaiamos, portanto, que a colagem pode rimar com aprendizagem, já que ambas acontecem por meio de um pensamento criador, no qual o conhecimento não se dá pela simples recepção e acumulação de informações, mas pela rearticulação de elementos heterogêneos em novos campos de sentido. Tal como a colagem sugere o rompimento com uma lógica linear e

<sup>3</sup> MOEHLECKE, V. Oficinar. In: FONSECA, T. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 165-168.

<sup>4</sup> A colagem analógica é feita manualmente, com materiais físicos como papel, fotografias, tecidos e outros objetos que são colados em alguma superfície. Já a colagem colagem digital pode ser criada em softwares gráficos, com uso de imagens digitais.

<sup>5</sup> Alguns desses materiais incluíram revistas de diversos segmentos, livros didáticos, livros infantis, revistas científicas, papeis coloridos, cola, tesoura, tintas diversas, canetinhas coloridas, estilete.

previsível, a aprendizagem também pode ser vista como um processo experimental e rizomático.

Nessa experiência, buscamos ousar e apostar na colagem como um possível impulso para o pensamento e para a aprendizagem, como fomentadora de processos criativos. Para Deleuze, o pensamento emerge de encontros e só ocorre quando algo força a pensar.

Pensar, dito por Deleuze, é um exercício perigoso', não algo natural que apenas (re)conhece o real representado em uma relação direta com o mundo exterior, ou seja, o pensamento como representação do real. Quando Deleuze comenta sobre o pensamento, ele o faz abalando a sentença cartesiana "‘penso, logo existo’ porque, para ele, pensar não é inato e nem exercido por um ‘eu’, mas deve ser alcançado por uma intrusão. Pensar, portanto, é uma relação com o fora, um encontro de forças com o acaso, pensamento sem consciência, exterioridade impessoal. Ser abalado por este fora nos lança ao pensar imprevisível e inesperado, algo que pode acontecer ou não, uma vez que depende dos encontros. Pensar, desse ponto de vista, é romper com o saber racional e suas representações, é se deparar com o desconhecido, quando não se tem certeza alguma e se é, de algum modo, arrastado por uma força que leva o pensamento a pensar o que ainda existe (Schmidlin, 2015, p. 39).

Então, ousamos perguntar: foi essa experiência com a colagem uma força possível que movimentou novas paisagens sobre o aprender? Tal como observamos, a oficina deu pistas de que não foi apenas um espaço para recognição, mas foi promotora de encontros imprevisíveis. Porém, ressaltamos que esse aprender é resultado das forças e fluxos que observamos, e não do fato da técnica da colagem em si, do recortar e colar como uma receita para o aprender. No que cabe neste texto, para compartilhar a experiência, buscamos criar conexões entre artistas, estudos sobre a colagem e o conceito de aprender, operando - tal como a própria colagem - por meio de rupturas, fragmentos e encontros. Por isso, este relato inicia pela margem, colocando a colagem em diálogo com artistas e conceitos. Em seguida, uma paisagem é apresentada; a experiência com corpos e signos. Para finalizar, dialogamos com as pistas dessa experiência.

### **A colagem na margem**

Na história tradicional da arte, a colagem esteve à margem. Essa marginalização foi sustentada e reforçada por questões relacionadas a técnica, a origem da prática, e aos paradigmas dominantes que insistiam em definir rigidamente o que era considerado arte legítima, frequentemente apelando para uma unidade visual de caráter. “É certo que a collage

não é nenhuma novidade. No entanto, no campo da arte, ela foi negligenciada por muito tempo, considerada uma arte menor" (Fuão; Santos, 2024, p. 3).

No entanto, a colagem, enquanto prática artística contemporânea, apresenta um notável e transformador potencial para subverter e desafiar essas expectativas normativas: operando com materiais heterogêneos, justaposições audaciosas e fragmentações disruptivas.

Desorganizando as narrativas dominantes, a colagem introduz o caos e pode ser pensada a partir de seus processos rizomáticos e múltiplos. Fora dos cânones artísticos consagrados, a colagem escapa à captura das normas estéticas hegemônicas e inventa paisagens, mundos e narrativas outras.

Artistas contemporâneas tem afirmado essa potência da colagem em compor novas narrativas, inventar mundos, rasgar o hegemônico, o tradicional. Entre elas, destacamos Gê Viana, uma artista multidisciplinar brasileira cuja obra é marcada pela problematização das estruturas sociais e políticas da sociedade contemporânea. Explorando suas próprias experiências afroindígenas, suas obras podem ser entendidas como uma “estratégia poético-política” (Gonçalves, 2023), em que mobiliza a disputa e a reinvenção das subjetividades contemporâneas.

Com suas colagens, fotomontagens e lambe-lambes<sup>6</sup>, ela cria narrativas visuais que subvertem o sentido original das imagens que apropria, recortando e colando registros documentais, artísticos e históricos, em composições provocativas. Para Gonçalves (2023), as obras de Gê Viana funcionam como um dispositivo anticolonial que profana os arquivos, tornando-se uma tecnologia visual, um pensamento e uma linguagem, que buscam desestruturar narrativas coloniais e propor novas formas de ver e estar no mundo.

Por meio de cores vibrantes, sobreposições impactantes e uma estética que conecta o passado ao presente em diferentes contextos, a artista dialoga com o espaço público principalmente através do lambe-lambe. As séries Paridade (2017)<sup>7</sup> e Sobreposição da história (2020)<sup>8</sup> exemplificam esse uso, em que a colagem é combinada ao lambe-lambe para potencializar seu caráter subversivo e efêmero. A arte colada faz da rua uma galeria pública,

<sup>6</sup> Lambe-lambe é uma arte urbana caracterizada pela aplicação de cartazes, posteres, ilustrações – tudo em papel, em espaços públicos, como muros, postes, hidrantes. É considerado uma intervenção artística efêmera, devido a deteriorização causada principalmente pelos materiais utilizados e pelas condições climáticas.

<sup>7</sup> A série Paridade, concebida em formato de fotomontagem e lambe-lambe, consiste na sobreposição de retratos de pessoas do entorno da artista com imagens de lideranças indígenas ou de etnias tradicionais.

<sup>8</sup> Sobreposição da é uma série de fotomontagens e videoperformances em que mulheres negras e indígenas, dialogam visualmente com imagens históricas de trabalhadores escravizados em plantações de cana.

sujeita às condições naturais do ambiente, como chuva e sol, e às condições sociais, como remoção e sobreposição.

Rosana Paulino é uma artista paulista cuja produção também é marcada pela apropriação de imagens como uma forma de resistência, recriação e questionamento das narrativas hegemônicas brasileiras. Trazendo elementos autobiográficos em suas obras, ela rasga especialmente o campo da antropologia e da biologia, ao discutir as relações “[...] entre os discursos da ciência e a sujeição dos corpos femininos negros em nossa história colonial de escravidão” (Gonçalves, 2023, p. 299).

Obras como *Bastidores* (1997)<sup>9</sup>, *Assentamento* (2013)<sup>10</sup> são bastante reconhecidas e revelam o modo como a artista utiliza a costura, o bordado e a colagem como ferramentas artísticas que operam não só no âmbito material, mas no âmbito simbólico.

A artista visual e ilustradora brasileira Manuela Eichner busca problematizar a relação humana com a natureza. Combinando corpo, espaço, materiais descartados e elementos naturais – como folhas e texturas orgânicas, ela nos convida a criar narrativas outras entre o humano e o não-humano, desafiando o discurso tradicional sobre separação entre natureza e cultura, entre o orgânico e o artificial. Com uma estética sensível e inventiva, suas produções integrando o corpo humano ao vegetal são um convite para pensar essa des-conexão, como em *Monstera Deliciosa* (2015)<sup>11</sup> e nas propostas da oficina *Planta-Colagem* (2020)<sup>12</sup>.

A artista frequentemente trabalha com instalações artísticas, em que suas colagens migram do plano bidimensional e passam a ocupar espaços tridimensionais, criando ambientes imersivos que convidam a uma participação ativa na experiência.

O que se pode perceber nos movimentos das artistas Gê Viana, Rosana Paulino e Manuela Eichner é um processo ativo de experimentação, conexão e criação, no qual a prática se constitui como um campo de invenção e transformação.

Aprender é antes entrar num campo de forças, ser afetado por ele, colocar-se em variação com ele. Um corpo a ser treinado, um idioma a ser aprendido, uma música a ser composta, um gesto a ser esboçado... Aprender a nadar, por exemplo, não é reproduzir os movimentos, mas ser levado pela água, sentir

---

<sup>9</sup> A série *Bastidores* reúne fotografias de mulheres negras em tecido em bastidores circulares. Sobre esses retratos aparecem costuras que ocultam olhos, boca ou garganta.

<sup>10</sup> *Assentamento* é uma instalação em que a artista reelabora a fotografia de uma mulher negra, registrada pela expedição Thayer, capitaneada pelo cientista Louis Agassiz, transferindo para tecido a imagem e recompondo-a com costuras e cortes imprecisos.

<sup>11</sup> A instalação *Monstera Deliciosa* é uma colagem tridimensional, que utiliza materiais visuais de revistas impressas e plantas vivas, criando uma escultura viva que se desdobra em camadas visuais mutáveis conforme o público se movimenta ao seu redor.

<sup>12</sup> Nestas oficinas, a artista propõe um diálogo entre a estrutura orgânica das plantas e a linguagem da colagem.

seu peso e sua resistência, entrar em relação com ela e responder a essa relação (Deleuze, 2010, p. 126).

Em Deleuze, aprender não significa a simples aquisição de conhecimento, mas um engajamento com forças e intensidades que exigem problematização e invenção. O aprendizado implica movimento, variação e a emergência do novo, sem se reduzir à repetição de formas preestabelecidas. Assim, o que buscamos evidenciar nessa margem é uma aproximação entre o processo vivido por essas artistas e a concepção deleuziana do aprender como experiência e criação.

### **Colagem e paisagem**

Desafiando a noção de uma aprendizagem que se baseia em uma estrutura linear e hierárquica, uma oficina de colagem foi proposta aos estudantes da pós-graduação em Educação, muitas professoras.

Essa oficina fez parte de uma disciplina intitulada Educação em Ciências e Matemática: Distopias Contemporâneas, em que um de seus tópicos, se propôs a pensar junto com os estudantes o aprender, problema central no Ensino de Ciências e Matemática. Fortemente marcados pelas teorias da psicologia da educação, a investigação em ensino de Ciências e Matemática tem predominado o modelo baseados na aprendizagem de conteúdos, especificamente as perspectivas cognitivistas e a ideia da cognição. O aprender aparece como processo natural e voluntário, associado ao esforço do aluno e do professor. Em disciplina, os estudantes foram convidados a pensar a ideia de aprender para Deleuze, que coloca a ênfase não no saber, mas no próprio aprender. Dessa forma, o foco não está em pensar o como ensinar, com métodos a serem seguidos e sim em como pensar o processo de aprender como um processo de invenção, variação e transformação. Mais do que buscar respostas pré-determinadas, trata-se de habitar o campo do aprender como experiência viva, em que o pensamento se faz no próprio ato de aprender.

Segundo Kastrup (2001), a política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações, e a adoção da arte como ponto de vista faz parte desta política. (Kastrup, 2001, p. 20). E complementa: “A arte surge como um modo de exposição do problema do aprender” (Kastrup, 2001, p. 19).

Enquanto espaço de encontros e conexões múltiplas e imprevisíveis, a oficina buscou ser uma experiência livre, sensível e criativa, que possibilitasse o contato com forças que pudessem (ou não) afetar o pensamento. “Nessa superfície só se pode andarilhar, percorrer como caminho ou viagem, como nômade a se mover ininterruptamente, deixando-se afetar pelos encontros inscritos no percurso da paisagem” (Schmidlin, 2015, p. 38).

O momento inicial desse encontro foi uma conversa sobre a colagem como prática artística. Algumas obras e artistas foram projetadas em tela grande na sala: colagens que se tornaram capa de livro, outras vídeo-clipe, algumas com texturas em uma exposição, outras que circulam pela internet. E colagens de crianças, visto que a pesquisadora facilitadora da oficina também é professora na educação infantil.

Alguns movimentos foram sugeridos, tendo como referência alguns termos destacados dos próprios textos estudados na disciplina.

**Figura 1:** Montagem digital apresentada na oficina.



Fonte: arquivo das autoras.

O que emergiu desses encontros? “Ao acaso dos encontros segue-se a necessidade imposta pelo que nos força a pensar. Aprendemos por coação, forçados pelos signos, ao acaso dos encontros” (Kastrup, 2001, p. 20).

Na paisagem, em meio à diversos materiais impressos, livros didáticos, revistas, papéis, tesouras e colas espalhadas em mesas e pelo chão, os corpos presentes também se espalharam e se conectaram. Aprenderam? E como podemos responder a essa pergunta se, segundo Deleuze:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente ‘bom em latim’, que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende (Deleuze, 2010, p.25).

A criação das colagens foi instigada por um convite para que os estudantes criassem em suas obras a ideia do aprender para Deleuze. Corpos e pensamentos pareciam estarem em movimento. Corpos pelo chão, curvados pelo uso da cadeira como apoio, um folhear revistas e mais revistas, em busca de algo foram cenários produzidos durante a oficina.

**Figura 2:** Paisagens caóticas.



Fonte: arquivo das autoras.

Que paisagens esses corpos criaram a partir de rasgos e recortes? Trazemos aqui, alguns elementos visuais que foram possíveis de localizar nas paisagens criadas: corpos em movimento, fórmulas matemáticas, instrumentos de laboratório, esquemas de moléculas, relógio e calendário, gráficos, corpos celestes, desenhos de corpos usando celulares, representações de pinturas rupestres, fotografias de corpos interagindo em roda, recortes de mãos ocupadas com alguma coisa, desenhos de elementos naturais como árvores e mar, corpos usando máscaras e outros com uniformes que remetem à profissões, pássaros, desenho representando um cérebro.

Nas produções algumas palavras e frases foram também coladas: “a ciência da complexidade”; “a equação do caos determinista”; “a ciência está sempre procurando uma

maneira matemática de comprimir a informação”; “tempo”; “partículas elementares”; “re(e)sistência intelectual”; “ensino público”; “periferia”; “na sala de aula decolar é preciso”; “equality for all”; “futuro”; “mutações”; “educação não é privilégio”; “aprendizado”; “possibilidades”; “livre”.

Não sei falar sobre minha colagem. O que eu fiz?, comenta uma estudante.

**Figura 3:** Colagens produzidas na oficina.



Fonte: arquivo das autoras.

Considerando que “o signo é inequívoco em sua presença, mas é equívoco em seu sentido” (Kastrup, 2001, p. 20), o que observamos foram colagens que cortaram, rasgaram e recombinaram os signos da ciência. Na composição das colagens, abriu-se espaço para que cada um desfrutasse desse encontro com os signos, à sua maneira, para além de um sistema de representação. Nessa experiência, a colagem, intensificou o equívoco! Assim, o encontro com signos familiares se tornou-se um encontro inquietante; a aprendizagem por meio da colagem, relaciona-se com a produção da diferença no signo.

Com os fragmentos coloridos e misturados, em cada colagem, aconteceu a composição de algo novo e singular. Essa invenção de conexões deu pistas de que o foco não esteve em representar um processo de reconhecimento, mas em brincar com os signos da ciência, abrindo espaço para a diferença, a multiplicidade, a invenção e a criação.

### **Considerações finais: aprendizagem rima com colagem**

A brincadeira aqui proposta com a rima é um convite a invenção, e não a reprodução. O som que se repete ao final das duas palavras “-agem” - abre caminho para algo novo, afinal, segundo Deleuze, a repetição não é a reprodução do mesmo, mas a emergência da diferença. Essa rima só foi possível ao considerar que a “aprendizagem não se dá no plano das formas,

não se trata de uma relação entre um sujeito e um mundo composto de objetos. Ao contrário, faz-se num encontro de diferenças, num plano de diferenciação mútua, em que tem lugar a invenção de si e do mundo” (Kastrup, 2001, p. 21).

Devires silenciosos em paisagens projetariam planos de composição no lugar de estratégias organizacionais pretensamente estruturadas para a educação. Planos de composição que são formados de perceptos e afectos como blocos de sensações que podem vazar e perfurar dogmas e axiomas tanto em arte como em educação, ou seja, planos que formariam paisagens esburacadas, sem identidades, mas obras de arte. Com a arte, a educação pode se inscrever entre paisagens, lugares de agenciamentos estranhos, em ritmos, cores e variações contínuas, que escapam à qualquer representação do que seria arte ou educação (Schmidlin, 2015, p. 42).

A rima entre colagem e aprendizagem não apenas conecta os sons, mas esse encontro sonoro também convida a pensar as relações entre arte e educação. Por isso é que com essa experiência ensaiamos pensar a colagem não somente como uma técnica artística, mas como um modo de pensar e aprender.

Nas colagens produzidas os signos da ciência transbordaram para muito além de suas funções em uma perspectiva racionalista, para um convite às sensações (perceptos e afectos); um encontro entre forças que atravessa e transforma. O signo em seu sentido é equívoco, diz a Kastrup (2001), ou seja, o significado de um signo não é fixo ou unívoco, por isso, ele pode ser interpretado de diferentes maneiras. Dessa forma, a colagem multiplicou, intensificou os significados e desterritorializou o significado primeiro posto pela ciência. O corpo que conhecemos numa aula de biologia é um signo familiar, mas o corpo produzido na colagem tornou-se infamiliar e o encontro passou a ser inquietante.

E, para não finalizar, ousamos pensar que considerar a colagem como um modo de aprender é, em certa medida, também pensar em como a educação pode ser um espaço para a reinvenção, para a criação de novos mundos, novas subjetividades e formas de se relacionar. É uma rima que vai muito além de um mero jogo sonoro: é um convite a pensar sobre como se pode des-colar as formas tradicionais de ensino e aprendizagem, buscando alternativas que fomentem a criação.

## Referências

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.

FUÃO, F. F.; SANTOS, T. B. Collage/montagem e o surrealismo. **Organon**, Porto Alegre, v. 39, n. 77, p. 1-20, jan/jun. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/139324/92288>. Acesso em: 22 jan. 2025.

GONÇALVES, F. Corpo, memória e fabulação anticolonial nas colagens visuais de Gê Viana. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 2, p. 293-13, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i2.28069>. Acesso em: 22 jan. 2025.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

SCHMIDLIN, E. Por (entre) paisagens. In: BELINASO, L. *et al.* (org.). **Ecologias inventivas: experiências das/ nas paisagens**. Curitiba: CRV, 2015, p. 37-44.

### **Sobre as autoras**

**Gabriella Pizzolante da Silva:** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colégio de Aplicação da UFSCar.  
*E-mail:* gabi.pizzolante@ufscar.br

**Carolina Rodrigues de Souza:** Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Departamento Metodologia de Ensino (DME).  
*E-mail:* carolinasouza@ufscar.br

Recebido em: 28 fev. 2025

Aprovado em: 12 jul. 2025